



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO COM HAB. EM ARTES E MÚSICA**

LAURA BEATRIZ SILVA SOUSA

Representação da mulher a partir da personagem Oribela, filme “Desmundo”.

TOCANTINÓPOLIS/ TO

2022

LAURA BEATRIZ SILVA SOUSA

Representação da mulher a partir da personagem Oribela, filme “Desmundo”

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de licenciada curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música.

Orientador: Leandro Lente de Andrade

TOCANTINÓPOLIS/ TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725r Sousa, Laura Beatriz Silva .

Representação da mulher a partir da personagem Oribela, Filme
"Desmundo" . / Laura Beatriz Silva Sousa. – Tocantinópolis, TO, 2022.
34 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2022.

Orientador: Leandro Lente de Andrade

1. Representação. 2. Mulheres . 3. Brasil Colônia. 4. Cinema Nacional . I.
Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LAURA BEATRIZ SILVA SOUSA

Representação da mulher a partir da personagem Oribela, filme “Desmundo”

Artigo apresentado à (UFT)-Universidade Federal do Tocantins- Campus Universitário de Tocantinópolis- Curso de licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, foi avaliado para obtenção do título de Licenciada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação 23/06/2022

Banca Examinadora:

Prof.(o) Me. Leandro Lente de Andrade, UFT

Prof.(a) Me. Luana Mara Pereira, UFT

Prof.(a) Dr.(a) Cássia Ferreira Miranda, UFT

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar á Deus, por me proporcionar saúde e sabedoria para lidar com todas as dificuldades que surgirão no decorrer deste trabalho e na vida. A minha mãe Perolina por ser a minha maior inspiração, pelas lutas que enfrentou, pelas lágrimas, pelas alegrias e conquistas que obteve. A todas as mulheres que vieram antes de mim, que resistiram e que engajadas lutaram. Ao meu pai Milton e meus irmãos/as por me apoiar e incentivar nos momentos difíceis, em especial minha irmã Edivânia, meu cunhado Erismar, meu irmão André, minha conselheira Silvia, minha irmã Deliane, e meu mano Andrade.

O meu companheiro Evandro Matias pelo amor, carinho, dedicação, parceria e companheirismo. Pelas palavras sábias sobre a importância de lutar em prol de objetivos pessoais e por vivenciar comigo várias aventuras que ampliaram minha visão de mundo, assim como cuidar da nossa família com tanta entrega, és uma pessoa incrível muito obrigada.

Aos meus amigos/as que de forma extrovertida tornaram toda a formação uma experiência única, em especial mestre Igor Miranda e Hellane Cristina. E todos/as colegas de turma pelo ambiente formativo que vivenciamos. À banca avaliadora pelo aceite e ótimas contribuições na qualificação: Cassia Ferreira Miranda e Luana Mara Pereira. Aos professores/as do curso em especial Cícero da Silva, Gustavo Cunha, Juliane Gomes, Maciel Cover, Marcus Bonilla, Leon de Paula, Anderson Brasil e todos os outros que me possibilitaram protagonismo e conhecimento.

Por fim quero agradecer ao meu professor orientador Leandro Lente de Andrade por dedicar horas e horas em orientações, pelo comprometimento, pontualidade, paciência, amizade, incentivo e por me desafiar, isto foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho, além de conduzir tudo de maneira leve e tranquila.

RESUMO

O trabalho apresenta sobre a importância de análises das representações das mulheres nas produções cinematográficas. Tem por objetivo entender o papel das mulheres no Brasil Colônia através do filme “Desmundo” e quais representações destas atualmente, enfatizando as permanências do processo histórico e as conquistas por elas almejadas. O filme é uma adaptação do livro de Ana Miranda (1996) pelo cineasta Alain Fresnot, lançando no cinema brasileiro em 2002. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise crítica cinematográfica, além de ser histórica documental e bibliográfica. Como fontes históricas para o estudo trazemos as cartas dos jesuítas e como bibliografia especializada nos apropriamos de artigos e livros. O filme traz abordagens sobre os processos de submissão, estupro, silenciamento, opressão e violência. Bem como enfatiza a respeito da visão acerca do corpo feminino como objeto/coisa, posse de alguém e como isso reflete atualmente. Revela ainda dados sobre as múltiplas violências contra as mulheres, assim como trata das diversas formas de resistência das mulheres em busca dos almejados sonhos de liberdade, de igualdade salarial, de oportunidade, respeito as diferenças e independência financeira. Como resultado, pontuamos a grande importância de se trabalhar com filmes na sala de aula, de maneira a propiciar indagação e problematização nos estudantes através da relevância de temas, como as representações das mulheres, passando por suas vivências e experiências e gerando engajamento na histórica luta por igualdade de gênero.

Palavras-chave: Representação; Mulheres; Brasil Colônia; Cinema Nacional; Resistência.

ABSTRACT

The paper presents about the importance of analysis of the representations of women in cinematographic productions. It aims to understand the role of women in colonial Brazil through the film “Desmundo” and what representations of these currently, emphasizing the permanence of the historical process and the conquests desired by them. The film is an adaptation of the book by Ana Miranda (1996) by filmmaker Alain Fresnot, released in Brazilian cinema in 2002. It is qualitative research of cinematographic critical analysis, in addition to a historic documental and bibliographic. As historical sources for the study we bring the letters of the Jesuits and as specialized bibliography we appropriate articles and books. The film brings approaches to the processes of submission, rape, silencing, oppression and violence. As well as emphasizes on the view of the female body as object/thing, possession of someone and how this reflects currently. It also reveals data on the multiple violence against women, as well as dealing with the various forms of resistance of women in search os the desired dreams of freedom, equal pay, opportunity, respect for differences and financial Independence. As a result, we point out the great importance of working with films in the classroom, in order to provide inquiry and problematization in students through the relevance of themes, such as the representations of women, passing through their experiences and generating engagement in the historical struggle for gender equality.

Key words: Representation; Women; Brazil Colony; National Cinema; Resistance.

LISTA DE FOTOGRAMAS

Fotograma 1 - Chegada das órfãs e os trabalhadores observando elas passarem.	23
Fotograma 2 - Dona Brites e as órfãs	24
Fotograma 3 - Todos reunidos para definir os maridos para as órfãs	25
Fotograma 4 - Oribela e Francisco no galpão	26
Fotograma 5 - Representações das mulheres indígenas	28
Fotograma 6 - Oribela emocionada ao ver a nau, e depois ela sendo disputada por dois homens.	28
Fotograma 7 - Oribela sendo levada amarrada e depois acorrentada em um quarto, aos cuidados de uma mulher indígena com medicamentos tradicionais. Depois pressionando um besouro.	29
Fotograma 8 - Oribela e Ximeno em fuga, Francisco e Ximeno em fogo cruzado	30
Fotograma 9: Oribela em trabalho de parto	31

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA DAS MULHERES NA HISTÓRIA	13
3. A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NOS FILMES E SEUS USOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	18
4. REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES A PARTIR DA REALIDADE DE ORIBELA, FILME “DESMUNDO”	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda sobre a representação das mulheres no Brasil Colônia por meio da personagem Oribela no filme “Desmundo”, baseado no livro de Ana Miranda (1996) e adaptado pelo cineasta Alain Fresnot, lançado em 2002 no cinema brasileiro. O filme apresenta historicamente como as mulheres eram vistas, quais os desafios que as cercavam, suas múltiplas formas de submissão, como objeto de posse de alguém e instrumento diabólico, postulado pela Igreja. Além disso, a obra cinematográfica diferencia-se por enfatizar o período colonial a partir do olhar feminino de Ana Miranda. Consequentemente notamos a projeção patriarcal do homem sobre a mulher, implicando em resistências as formas de opressão, e de atrocidades cometidas, para tanto, a personagem principal do filme trás justamente a resistência que existia e existe em todas, por meio da busca de liberdade, de igualdade, de oportunidade e de segurança. Cabe ressaltar ainda que a obra trata-se de uma representação da representação da representação do período colonial, ou seja, é um filme que teve como diretor um homem que tenta com auxílio de sua excelente roteirista relatar acontecimentos ao olhar de Ana Miranda acerca do período colonial, no qual utiliza-se das cartas dos jesuítas para ter maior clareza sobre a realidade da época.

No Brasil nós mulheres, principalmente no período colonial, fomos alvos de violências, humilhações, acoites, e tantos outros meios de opressão, de acordo com estudos realizados, como as abordagens de DAVIS (2016), FEDERECI (2017) e DEL PRIORI (1998), compreendi o porquê da escassez de livros de história que enfatizassem acerca da mulher nas aulas que tive durante a educação básica.

E a luta continua, pois nós mulheres somos alvos a cada dia de um meio de violação aos nossos direitos, tratadas como objeto, intimidadas, silenciadas, destinadas a cuidar das tarefas domésticas, sermos as responsáveis pelos filhos e, objetos de posse e submissão ao homem. Tudo isto por meio de algo enraizado nas sociedades, o patriarcado¹, nós mulheres fomos ridicularizadas e ofuscadas por muito tempo e as que ousavam gritar, expor seus ideais foram violentadas, presas e até mortas FEDERICI (2016) por isso a resistência é algo que nos mantém vivas em prol da luta de muitas outras que propuseram a lutar por objetivos do coletivo.

Pensando nisso apresentaremos uma breve contextualização da trajetória das mulheres na história, com intuito de situar a você leitor/a sobre as barbaridades a qual fomos

¹ O patriarcado é um sistema social baseado em uma cultura, estruturas e relações que favorecem os homens, em especial o homem branco, cisgênero e heterossexual.(site, Politize).

submetidas no decorrer dos anos, em uma tentativa de ampliar os debates sobre as rupturas necessárias para desconstruir os pensamentos misóginos e patriarcais dentro da sociedade.

Relativo à análise do filme, é uma proposta que realça a questão da representação das mulheres, tanto as que vieram a pedido da Igreja², e as que já residiam por cá, as indígenas, que foram abusadas e exploradas em vários sentidos, sobretudo sexualmente.

Para a realização da contextualização optamos por fontes históricas (cartas) e bibliografias especializadas (artigos e livros) para sustentar nossa análise no principal objeto da pesquisa: o filme “Desmundo” e seus respectivos fotogramas. Dessa forma, faremos a “desconstrução” e “construção” do filme (PENAFRIA, 2006), contextualizando por intermédio da personagem “Oribela”, umas das órfãs recém-chegadas de Portugal. Revelando a participação da Igreja, no que diz respeito ao processo de dominação e subordinação das mulheres brancas europeias, como Oribela, que se estende às negras, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, camponesas e tantas outras. E é por essas e por todas as outras mulheres que este trabalho se justifica, principalmente porque na maioria das vezes as escritas e representações feitas sobre nós mulheres, não são realizadas por nós.

As mulheres com todo seu esforço, dedicação, perseverança, resiliência obtiveram muitas conquistas; porém, ainda é alvo de diversas formas de exclusão em empresas, instituições e locais públicos e privados, através do salário e das oportunidades de acesso profissional, no qual há a exclusão por ser considerado o “sexo frágil”. Isso saindo da ficção e trazendo um pouco para o contexto atual é ainda mais comum com as mulheres negras, por compor o grupo de mulheres que mais sofrem violências, na sociedade brasileira, sendo vítimas de discriminação racial, preconceito, violências físicas e psicológicas com maior frequência; pois grande parte das mulheres negras pertence à classe baixa ou de extrema pobreza, tendo pouco acesso à escola e às oportunidades.

Para corroborar, destaco a taxa de feminicídio por cor/raça com dados de 2020 do Anuário Brasileiro de Segurança Pública no qual enfatiza que

Entre as vítimas de feminicídio no último ano 61,8% eram negras, 36,5% brancas, 0,9% amarelas e 0,9% indígenas. Entre as vítimas dos demais homicídios femininos 71% eram negras, 28% eram brancas, 0,2% indígenas e 0,8% amarelas. (BUENO; LIMA, 2021, p. 98)

É notória a disparidade no número de mortes entre mulheres negras e brancas, evidente a urgência na desconstrução do patriarcado e do sistema racista, classista e misógino na sociedade para melhor atender as necessidades e prover uma vida digna para as mulheres. Vale ressaltar ainda que o número de mortes tornou-se ainda maior por conta da pandemia do

² No caso as órfãs portuguesas que vieram da corte para casarem com homens brancos da colônia Portuguesa.

COVID-19, na qual as mulheres tiveram que conviver por mais tempo com seus agressores. Diante desses dados, vale ressaltar que vidas são perdidas diariamente e os números têm crescido, pois a cada minuto uma mulher é vítima fatal de um homem no Brasil.

Faremos também uma breve abordagem sobre os Movimentos Feministas que possibilitaram um avanço acerca da representação das mulheres com o passar dos anos, as tornando cada vez mais empoderadas, possibilitando uma nova formação, compreensão do contexto, das suas importâncias, da representatividade e dos lugares que devem ocupar, que inevitavelmente são os lugares que desejarem. Mas nem sempre foi assim. As mulheres eram representadas principalmente no Brasil Colônia apenas como objeto/coisa, na qual deveria e tinha por obrigação respeitar o homem e servi-lo. Diante dos ganhos realizados pelo protagonismo das mulheres na história, a análise do filme serve, também, para ponderar quais foram as permanências e rupturas da antiga ordem social estabelecida desde a colônia e que sofreram impactos dos movimentos feministas no decorrer do tempo.

Trataremos ainda a respeito, da Representação das mulheres a partir da realidade de Oribela, no filme “Desmundo” onde trazemos uma abordagem sobre a submissão e dominação, violência, pedofilia, assédio e estupro exercida pelos colonos para com as meninas órfãs que foram obrigadas a casarem. Contudo, nota-se que se trata de uma abordagem histórica que possibilita uma visão das mulheres, na qual elas sofrem violência física e psicológica diariamente, vivencia uma realidade cruel. E a personagem principal propicia a visão de uma adolescente que almejava a liberdade, porém tudo a impedia, tornando-a submissa àquela realidade totalmente patriarcal. Implicando, portanto, em uma análise a respeito das representações das mulheres no Brasil Colônia e as permanências dessa perspectiva colonial no mundo contemporâneo.

Vale frisar algumas das conquistas que nós conseguimos após o Brasil Colônia, como o direito ao voto, à escola, ao emprego, às leis que nos protegem - ou pelo menos deveriam - e os almejados sonhos de liberdade e alteridade para as mulheres de diferentes etnias e classes. Porém, ainda há muito a ser conquistado, principalmente sobre a representação pela mídia, de certa maneira com estereótipos, mediante a utilização do corpo feminino como objeto, estabelecendo padrão de beleza, onde as que não se enquadram são excluídas.

Por se tratar de análise de um filme vale ressaltar que no ano de 2014 foi criada a lei nº 13.006 de 06 de junho de 2014, que entra em vigor e estabelece o seguinte:

Art. 1 O art 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte §8º: “art 26. § 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” (NR) (Brasil, Lei 13.006/2014).

Podemos compreender que a lei supracitada corrobora para a importância de abordagens acerca de filmes brasileiros, para a valorização das produções do país e a análise de elementos da realidade que tenha consonância com a ficção, auxiliando os alunos da Educação Básica a terem esse contato com o cinema através de filmes. Por essa razão faz com que a proposta da pesquisa deste trabalho sirva também como base para estes, visando e possibilitando análises e problematizações de questões cotidianas através de um filme, trabalhando, por exemplo: a) a violência contra a mulher, b) o racismo, c) medidas de combate a tais crimes, d) importância da arte na abordagem de temas relevantes para a sociedade etc. Sendo, portanto, fundamental para formação humana e que valorizarem a cultura nacional.

Visto isso, vale lembrar que esta conquista é inevitavelmente uma conquista das artes, responsável por desenvolver atividades relativas em escolas, proporcionando o questionamento da realidade dos estudantes e auxiliar na formação da autonomia e alteridade, fator importantíssimo para a sua formação cidadã. Esta pesquisa irá contribuir para a expansão e a valorização do cinema brasileiro como meio de produção de conhecimento, acerca do reconhecimento, dos desafios e conquistas de nós mulheres, independente de raça e classe. Também irá proporcionar certa visibilidade ao Curso de Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, Campus de Tocantinópolis-TO, por ser uma abordagem inédita no campus.

Por fim, a desconstrução do patriarcado na sociedade, a valorização e igualdade salarial, sobretudo para as mulheres negras que se encontra no último degrau da escala capitalista quanto ao salário, à dignidade, ao respeito, às oportunidades educacionais e profissionais. É notório dependendo da classe a qual pertencem que é bem mais intensa a luta das mulheres negras para ter voz ativa, participar da política, trabalhar em bancos, e tudo mais. Pois, com a padronização da “mulher ideal”, o cabelo afro não é prioridade, o corpo negro muito menos, em virtude dessa padronização muitas acabam alisando o cabelo, como eu fiz para tentar me encaixar e na verdade, acabei me perdendo de mim mesma, e para me reencontrar, tive que passar por tantos outros desafios.

Como mulher, negra, camponesa e estudante, venho por meio deste trabalho enfatizar acerca das mulheres em meio à luta por igualdade, na política, no meio profissional e social, na almejada liberdade de decisões que ampliem suas esperanças e sonhos.

2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA DAS MULHERES NA HISTÓRIA

Nos meus 17 anos de educação básica pouco ouvi falar de nós mulheres, e nas aulas de história, ouvia em grande maioria das vezes os feitos masculinos, isso me intrigava, porque as mulheres não aparecem na história? Qual sua importância na sociedade? Notamos então que em nosso dia a dia, principalmente nas escolas a abordagem acerca das mulheres é bem inferior, não somos instigadas/os a aceitarmos nossa ancestralidade com orgulho, uma orientação sobre a igualdade de gênero, a formação política e social, pois com o decorrer dos anos nós tínhamos protagonismo com mais intensidade no Feudalismo, depois nós tornamos alvo de crítica, humilhação, opressão, repressão e submissão. Claro que muitas lutavam para desconstruir o pensamento misógino, contra os estereótipos, as que lutaram, sangraram, choraram e se dispuseram a buscar seus direitos.

Vale lembrar que no Feudalismo, tinham maior visibilidade, exercíamos profissões como parteiras, agricultoras, artesãs, ambulantes e obtínhamos o poder das terras, na qual produzíamos para se manter, e isto era considerado razoavelmente comum, entretanto com a interferência da igreja no poder feudal, acontece uma reviravolta na vida de todas que se tornam ainda mais objetos de posse, submissão dos homens, algo que se consolida com mais força com a entrada do Capitalismo, como modo de produção. Como destaca Silvia Federiti “[...] não há dúvida de que, na “transição do feudalismo para o capitalismo”, as mulheres sofreram um processo excepcional de degradação social que foi fundamental para a acumulação de capital e que permaneceu assim desde então” (FEDERECI 2016, p. 75), implicando na naturalização de estupro, de humilhação e de desvalorização do corpo da mulher, a pondo como um objeto do homem, que a usa e expõe como sua posse.

Isto reflete na vida das mulheres no Feudalismo, principalmente aquelas que viviam do trabalho no campo que estavam sem a presença de um homem, como as viúvas e mulheres solteiras, estas inevitavelmente foram alvos de ataques constantemente durante o século XIII. Estas conquistavam seu alimento com trabalho e a partir do momento que a negaram esse direito, foram obrigadas a terem relações com homens por dinheiro (FEDERICI, 2016), assim como as viúvas que foram se tornando mendigas, após um grande processo de “demonização” e de desvalorização. Logo, as

Mulheres, em todas as classes, também se viram afetadas de um modo muito negativo. A crescente comercialização da vida reduziu ainda mais seu acesso a propriedade e a renda. Nas cidades comerciais italianas, as mulheres perderam o

direito a herdar um terço da propriedade de seu marido (a *tertia*). Nas áreas rurais, foram excluídas da posse da terra, especialmente quando eram solteiras ou viúvas. Conseqüentemente, no final do século XIII, encabeçaram o movimento de êxodo do campo, sendo as mais numerosas entre os imigrantes rurais nas cidades (Hilton, 1985, p. 212) e, no século XV, constituíam uma alta porcentagem da população das cidades. Aqui, a maioria vivia em condições de pobreza, fazendo trabalhos mal pagos como servas, vendedoras ambulantes, comerciantes (com frequência multadas por não terem licença), fiandeiras, membros de guildas menores e prostitutas (FEDERICI, 2016 p;33)

Em suma, nota-se a vasta mudança estabelecida em nossas vidas e isto perpetua por gerações, mesmo após lutas, mortes, resistência e protagonismo. Não estou aqui afirmado que devemos se vitimar, por se deparar com as situações atroztes do passado, mas com toda certeza é fundamental compreendemos o passado para revê nossas atitudes e obter novos olhares, partindo e pensando no futuro. É uma sociedade classista, racista e misógina que queremos? É importante fazer uma reflexão.

Na Europa fomos também alvo de um grande evento, mas ressalto que não é o que você leitor/a está pensando, infelizmente muitas de nós morreram da maneira mais perversa e cruel, que podes imaginar. A “Caça às Bruxas” foi um holocausto que não é abordado nos livros didáticos das escolas, justamente porque foi perversa as atrocidades cometidas contra as mulheres que lutaram e buscaram objetivos de mulheres para mulheres (a liberdade, a autonomia e direitos iguais), foram açoitadas, amarradas e queimadas em lugares públicos, como forma de repressão as demais. Conforme destacado por Silvia Federici:

[...]as acusadas eram despidas e depiladas completamente (se dizia que o demônio se escondia entre seus cabelos); depois, eram furadas com longas agulhas por todo o corpo, inclusive na vagina, em busca do sinal com o qual o diabo supostamente marcava suas criaturas (tal como os patrões na Inglaterra faziam com os escravos fugitivos). Muitas vezes, elas eram estupradas; investigava-se se eram ou não virgens — um sinal da sua inocência; e, se não confessavam, eram submetidas a ordalias ainda mais atroztes: seus membros eram arrancados, sentavam- -nas em cadeiras de ferro embaixo das quais se acendia fogo; seus ossos eram esmagados (FEDERICI 2016, p.168).

Este pequeno trecho, foi escolhido justamente para trazer a questão com mais ênfase e clareza a respeito da atrocidade e da tamanha barbárie realizadas. E que perpetuou durante dois séculos trazendo ainda muitos resquícios na colonização das Américas. É importante ressaltar que essas “bruxas” (FEDERICI, 2016) somos nós mulheres negras, brancas, indígenas, quilombolas, camponesas, pescadoras etc, que lutamos pelos nossos direitos, que almejamos salários iguais, liberdade, domínio do nosso corpo, independência, respeito, formação política e social. Por essa razão é fundamental tratar sobre a temática em mais livros para protagonizar as mulheres que morreram em busca de alguns dos objetivos que ainda estamos lutando. Afinal a luta contra a misoginia é algo que permanece ainda hoje. E que é

fundamental a representação e abordagem sobre as mulheres, principalmente elas por elas, falando com domínio sobre sua identidade e sobre suas experiências.

No Brasil em meados do XVIII, com a chegada dos portugueses acontece também esse processo de desvalorização de identidade, cultura, e de valores. No qual o/a indígena é o predominante na região e que posteriormente se torna intruso, inferior. Bem como são subjugados pelos seus comportamentos. Os colonos e a igreja utilizam de métodos de dominação contra os moradores daqui, onde observam e utilizam das aptidões para lidar com o “Novo Mundo”. Portanto é notório que os

Destinos das mulheres na Europa e dos ameríndios e africanos nas colônias estavam tão conectados que suas influências foram recíprocas. A caca às bruxas e as acusações de adoração ao demônio foram levadas à América para romper a resistência das populações locais, justificando assim a colonização e o tráfico de escravos ante os olhos do mundo (FEDERICI, 2016, p.180).

É perceptível que, são criadas narrativas realizadas pela elite da época que coloca tais sujeitos como objetos de dominação, ser diabólico, no qual somos as mais prejudicadas, pois muitas indígenas foram estupradas por estarem despidas, e de certa maneira isto trás discursos que permanecem ainda hoje, quando uma mulher (independente da classe, raça e etnia) veste pouca roupa, onde é criado a justificativa de que “está pedindo para ser estuprada” discurso totalmente machista e desprezível, nota-se portanto que as narrativas foram umas das armas que predominaram para o processo de dominação dos/das indígenas, dos escravizados/as e das mulheres negras e brancas. E isso de certa maneira é ofuscado em grande parte da historiografia. Para lutar pelos direitos a criação de grupos e movimentos feministas, impulsionam a busca pela igualdade de direitos e proporciona maior resistência a todos esses processos de submissão.

A respeito dos movimentos feministas é relevante trazer alguns pontos que são cruciais para entender o quanto são relevantes na conquista e na busca dos objetivos das mulheres, cada um em sua respectiva realidade. Conforme a autora Carla Cristina Garcia (2015)

O Termo feminismo foi primeiro e empregado nos Estados Unidos por volta de 1911, quando escritores, homens e mulheres, começaram a usá-lo no lugar das expressões utilizadas no século XIX tais como movimento das mulheres e problemas das mulheres, para descrever um novo movimento na longa história as lutas pelos direitos e liberdades das mulheres. Este novo feminismo visava ir além do sufrágio e das campanhas pela moral e pureza social buscando uma determinação intelectual, política e sexual. (GARCIA, 2015, p.8)

Desta maneira podemos compreender que o termo começa a ser utilizado para abranger os contextos de luta que identificam como importante para as conquista de alguns

dos sonhos, além da busca pelo sufrágio feminino, no qual almejavam o voto, implicando na conquista da educação para as mulheres e outros aspectos da conquista que foram adquiridos (DAVIS, 2016) e que hoje no século XXI são mais perceptíveis, apesar de ainda está enraizado o patriarcado dentro da sociedade, e a presença inferior de mulheres, por exemplo, nas bancadas políticas de governo no país. Gostaria também de ressaltar um pouco sobre o discurso de Sojourner Truth, no qual salvou a convecção das mulheres de Ohio em 1951, destacando não ser uma mulher, pois nada do que se afirmava nos discursos de supremacia, se encaixava na vida cotidiana dela e que nenhum homem ajudava a pular poça de lama. Sojourner Truth (apud DAVIS, 2016, p. 72),

De todas as mulheres que compareceram à reunião, ela foi a única capaz de responder com agressividade aos argumentos, baseados na supremacia masculina, dos ruidosos agitadores. Com seu inegável carisma e suas poderosas habilidades como oradora, Sojourner Truth derrubou as alegações de que a fraqueza feminina era incompatível com o sufrágio – e fez isso usando uma lógica irrefutável. O líder dos provocadores afirmou que era ridículo que as mulheres desejassem votar, já que não podiam sequer pular uma poça ou embarcar em uma carruagem sem a ajuda de um homem. Com simplicidade persuasiva, Sojourner Truth apontou que ela mesma nunca havia sido ajudada a pular poças de lama ou a subir em carruagens. “Não sou eu uma mulher?” Com uma voz que soava como “o eco de um trovão”[44], ela disse: “Olhe para mim! Olhe para o meu braço”, e levantou a manga para revelar a “extraordinária força muscular” de seu braço.

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?

Isto foi de extrema relevância para o enfoque acerca das mulheres negras, na qual tenho maior ligação, assim como me sinto maior representada, pois minha mãe é negra, e ela também teve treze filhos, também sofreu para alimentar e proporcionar uma vida melhor de acordo com seus discursos, se daria através da educação para todas/os filhas/os, quando criança eu a via acordar cedo todos dias e fazia nosso lanche para ir pra escola trabalhar como auxiliar de serviços gerais e merendeira, na escola que ficava na sua terra, que contraditório não é mesmo. Isto é apenas uma das formas de subordinação a qual foi submetida, pois segundo relatos que ouvi no decorrer na minha vida, ela também era humilhada pelos funcionários, e cabe então relatar que ela foi e é uma inspiração por todas as lutas que enfrentou em prol de nos proporcionar o melhor. A fala de Sojourner propiciou a quebra dos discursos de que somos o “sexo frágil”. A luta pelos nossos direitos ainda continua. Nós mulheres somos a resistência para a efetivação de mudanças, pois quando falamos que precisamos desconstruir o patriarcado, isso deve refletir principalmente nas ações dos homens da sociedade.

Por fim quero enfatizar que dentro dos feminismos existem subdivisões e que cada grupo de mulheres defende algo que na sua realidade é importante de se lutar, e no geral, utilizam de 4 ondas (1º onda: durante a revolução Francesa Industrial; 2º onda: a partir de 1960, contexto guerra fria; 3º onda: pós guerra fria nos anos de 1980; e a 4º onda: em 2010 até a atualidade (FOLTER, 2021)) para exemplificar sobre as lutas que aconteceram e quais as conquistas de cada época para as mulheres. Vale lembrar também que existem vários tipos de feminismos como o (Radical, o Liberal, o Marxista, o Negro, o Interseccional dentre outros) e que apesar de cada um visar uma área como conquista, todos tem enfoque no “androcentrismo, o patriarcado, o sexismo e gênero” (GARCIA, 2015).

3. A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NOS FILMES E SEUS USOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

É fundamental compreender inicialmente que a análise de um filme consiste em um aprofundamento nos recursos, dados, materiais, e subsídios expostos no filme que o/a pesquisador/a necessariamente precisa estar atento. De acordo com Manuela Penafria a,

Análise é, então, o explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-se uma interpretação. Trata-se, acima de tudo, de uma atividade que separa, que desune elementos. E após a identificação desses elementos é necessário perceber a articulação entre os mesmos (PENAFRIA, 2009, p.1-2).

Implica, portanto, em uma decomposição dos elementos abordados no filme, trazendo os pontos relevantes e dialogando com contextualização que fora estabelecida como proposta de análise. Esta pesquisa faz uma abordagem a respeito do filme quanto a representações das mulheres e o contexto histórico empregado.

Através do filme “Desmundo”, a trajetória da protagonista enfatiza e corrobora a respeito da sua representação no Brasil Colônia e, conseqüentemente, como somos caracterizadas hoje. Por essa razão é importante frisar como o conceito de “representação” correlaciona com os apontamentos supracitados. Dessa forma,

[...] as acepções correspondentes à palavra "representação" atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é[...]Por outro lado, ao identificar as duas condições necessárias para que uma tal relação seja inteligível (ou seja, o conhecimento do signo como signo, no seu desvio em relação à coisa significada, e a existência de convenções regulando a relação do signo com a coisa) (CHARTIER, 1991, p. 13-14).

Conforme o autor, a representação se dá em dois sentidos, o primeiro de apresentar algo que não está presente, no qual a representação irá substituir a ausência desse algo ou alguém por uma imagem que o representa. No segundo sentido ela é apresentada como meio de exposição e interpretação, porque aquilo que é representado pode ser compreendido, como também pode não ser. A representação com interferência imaginária, por exemplo, proporciona um processo de submissão que, conforme o autor, inevitavelmente interfere no signo e no significado. A interpretação é um ponto crucial nesta abordagem pelo qual traz uma reflexão de que nem sempre o signo é representando como tal, e está aí um ponto

relevante a ser abordado, no qual a representação pode ser incoerente com o real signo ou significado de forma arbitrária.

Portanto, podemos compreender que a representação propicia a análise de algo que está ausente ou que esteja presente dependendo do referido contexto, porém implica em uma interpretação da parte do observador ou envolvidos como também dos agentes que realizam a representação, na qual o signos podem ser modificados ou codificados de maneira tal que não tenha relação para com o realidade e com a percepção de cada pessoa, como por exemplo: o espaço destinado a mulher é representado por outrem, onde o que irá caracterizá-la não tem relação com o que ela de fato apresenta ou representa como seu espaço.

De acordo com Gregio e Pelegrini (2021, p. 4).

[...] as narrativas audiovisuais do cinema, ainda hoje, representam o gênero feminino por meio de estereótipos que envolvem aspectos históricos e socioculturais de comportamento normativo, reproduzindo ideologias dominantes e discursos oficiais do gênero masculino.

A representação das mulheres na atualidade implica ainda em elementos que colaboram na apresentação com resquícios coloniais. Vale ressaltar que o cinema também pode utilizar tais elementos para a reflexão sobre a função das mulheres.

A respeito da interpretação do título do filme, ocorre uma provocação, pois o nome do filme é “Desmundo” isso implica em uma concepção que desconstrói a visão de “novo mundo”. Conforme Neves (2007, p. 3):

DESMUNDO começa, pelo título, problematizando a pluralidade conflituosa do universo lingüístico, presentes no século XVI, no Brasil, posto que falta a muitas personagens, mas principalmente a Oribela um termo para expressar o que é aquela nova terra, o que sente nela e por ela quando vê que seu destino tomou um “desrumo”.

Com isso, Oribela (Simone Spoladore) personagem principal é exposta a uma nova vida, na qual implica em mudanças. Mudanças essas que não a valorizam e não a respeitam em seus anseios e sonhos; assim, não atendem suas esperanças de vida e de liberdade. Deparando-se a uma realidade cruel, perversa e violenta. No filme acontecem várias coisas que nos auxiliam na formação daquela realidade e do papel das mulheres, como ser obrigada por meio da Igreja a casar-se com um desconhecido e servi-lo com respeito e obediência. Porém, a análise “crítica” é bem mais complexa do que imaginamos, ela

[...] tem como objetivo avaliar, ou seja, atribuir um juízo de valor a um determinado filme – trata-se de determinar o valor de um filme em relação a um determinado fim (o seu contributo para a discussão de determinado tema, a sua cinematografia, a sua beleza, a sua verdade, ...). Este tipo de discurso não é, pois, uma análise propriamente dita, mas poderá beneficiar do trabalho dita, mas poderá beneficiar do trabalho de análise que consideramos anterior a uma atribuição de juízo de valor. Ou seja, consideramos que a atribuição de um juízo de valor deverá ser suportada por uma decomposição do filme em causa. (PENAFRIA, 2009, p. 2).

Notamos que a análise de filmes é ampla e precisa ser bem elaborada e pensada, ampliando a reflexão através dos elementos abordados no filme com uma desconstrução e reconstrução do filme em consonância com a realidade e com a proposta de análise. Transpondo elementos presentes no filme para serem aprofundados e dialogados, instigando reflexões.

Por fim, é relevante discutir sobre história das mulheres no referido contexto do Brasil Colônia, pensando em compreender o papel das mulheres na época e no filme que a apresenta como objeto subordinado. Conforme Mary Del Priore,

o território feminino na história não é um lugar sereno, onde a mulher se locomove sem riscos, e onde o confronto e o conflito não imprimem marcas. A história da mulher é, antes de tudo, uma história de complementariedade sexuais, onde se interpenetram práticas sociais, discursos e representações do universo feminino como uma trama, intriga e teia. (DEL PRIORE, 1998, p. 8)

Partindo desta concepção de Mary Del Priore, notamos que diante do contexto histórico, sofremos diversas formas de exclusão e tivemos que enfrentar as mais variadas formas de opressão, e que ainda traz resquícios para nossa realidade, de maneira tal que interfere na valorização e nas conquistas de todas nós na atualidade.

Vale ressaltar também acerca do papel da Igreja na desvalorização e no processo de submissão das mulheres, de acordo com Mary,

o discurso sobre o uso dos corpos femininos e seus prazeres, imposto de cima para baixo, sobretudo a partir do século XVII, expressa-se através de uma apologia que lisonjeia a mulher para melhor submetê-la. A Reforma protestante e a Contra-reforma católica, introduzindo mais austeridade nos costumes, dão o tom severo dos discursos, e a mulher torna-se o alvo preferido dos pregadores que subiam ao púlpito para acusa-la de luxúria (DEL PRIORE, 1998, p. 13).

Mary faz uma análise acerca da história das mulheres, a construção do machismo e enfatiza que enfrentamos as mais variadas formas de dominação, tanto sexual, como psicológica. Na qual sendo submissa aos desejos do homem, éramos limitadas a todos os sonhos, tendo que aderir à vontade do marido, Igreja e a Coroa portuguesa, assim como das pessoas ao redor. Por mais que prosseguissem em busca e na luta para exercer suas aptidões, seguimos sendo julgadas, mal interpretadas, mal representadas, desvalorizadas, ridicularizadas e inferiorizadas. Não desistimos e com isto em passos lentos vamos conquistamos nosso lugar que, conforme relatei anteriormente, é onde quisermos, com dignidade, igualdade nas oportunidades escolares e profissionais, bem como na participação política e social.

Vale ressaltar que os filmes podem proporcionar abordagem nas salas de aulas, não sendo apenas usado como “mata aula” ou quebra de paradigma, e sim um meio de analisar, instigar, problematizar sobre uma temática, e para tanto Marcus Napolitano descreve que deve ser uma abertura, à princípio da escola, depois dos professores e alunos, para se trabalhar de maneira crítica e relevante para aprendizagem, (NAPOLITANO, 2003). Principalmente por se tratar de uma abordagem pouco visibilizada como recurso didático dentro das escolas, portanto, este trabalho também tem como objetivo instigar a ênfase na análise de filmes, no sentido de utilizar destes para abordar sobre temáticas das nossas vivências e na historiografia, assim como, um meio de formação política e social.

4. REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES A PARTIR DA REALIDADE DE ORIBELA, FILME “DESMUNDO”

O filme *Desmundo* foi lançado em 2002, como uma produção brasileira de grande importância, por ser baseado no livro de Ana Miranda (1996) e adaptado por Alain Fresnot (2002), faz a representação cinematográfica sobre o ano de 1570, tendo em sua concretização elementos ricos em significação, como a língua em um português arcaico e por vezes as línguas africana e indígena, os figurinos e postura patriarcal dos homens, no qual agem com domínio sobre o corpo feminino, representado a partir das órfãs brancas e das indígenas na colônia.

A ficção começa apresentando uma jovem observando do porão os homens preparando a embarcação para o desembarque, esta jovem é Oribela, personagem principal do filme. No fundo há uma música que faz referência a uma forma de sacrifício, e inevitavelmente a nossa protagonista estava sendo sacrificada. Esta jovem veio de um mosteiro para casar-se no “Novo Mundo”. Por ser órfã foi desterritorializada³, junto com mais 5 jovens órfãs (Urranca, Bernadina, Tareja, Pollonia e Isobela) a última se jogou no mar durante a viagem (JUNIOR, 2021) vieram para servir a Coroa portuguesa, a pedido do Padre Manoel da Nobrega conforme destacado na carta a seguir,

Pera⁴ as outras capitánias mande V.A . molheres orfãs, porque todas casarão. Nesta nam são necessárias por agora por averem muitas filhas de homeins brancos e de índias da terra, as quais todas casarão com ha ajuda do Senhor; e, se nam casavam dantes, era porque conventiam viver os homeins em seus peccados livremente, e por isso nam se curarão tanto de cassar e alguns deziam que nam pecavão. porque ho Arcebispo do Funchal lhes dava licença (LEITE, 1956, p. 265-266).⁵

Ao chegar as jovens se depararam com um lugar onde havia poucas mulheres e logo compreenderam que eram muito desejadas pelos homens, pois eles tinham relações sexuais com as indígenas. Por meio de tais relações a ocorrência da miscigenação era muito comum, contrariando os desígnios da Igreja, que prezava pela instituição do sacramento matrimonial com indivíduos que professassem a mesma fé.

³ O Haesbaert (2003) descreve a “desterritorialização” como processo de saída, de retirada, no qual os sujeitos nem sempre tem opção de escolha. Desterritorialização. para os ricos. pode ser confundida com uma multiterritorialidade segura, mergulhada na flexibilidade e em experiências múltiplas de uma mobilidade "opcional" (a "topoligamia" ou o "casamento~ com vários lugares a que se refere BECK, 1999). Enquanto isso, para os mais pobres. a desterritorialização é uma multi ou. no limite, a-territorialidade insegura, onde a mobilidade é compulsória, resultado da total falta de opção, de alternativas, de "flexibilidade".

⁴ Procuramos manter a grafia original das cartas quinhentistas com seu português arcaico.

⁵ Carta do Pe. Manoel da Nóbrega (Olinda) para D. João III rei de Portugal, 14 de setembro de 1551

De acordo com a carta de Blasquez para Loyola,

Vinhão seis mulheres nuas polo terreiro cantando a seu modo e fazendo tais gestos e meneos que parecião os mesmos diabos: dos pees até á cabeça estavam cheas de penas vermelhas; em suas cabeças trazião humas como carochas de pena amarela; em as espaldas levavão hum braçado de penas que parecia coma de cavalo, e por alegrar a festa tangião humas frutas que tem feitas das cannelas dos contrários pera quando os hão de matar. Com estes trajos andavão ladrando como cães e contrafazendo a fala com tantos momos que não sey a que os possa comparar; todas estas invenções fazem sete ou oito dias antes de hos matar (LEITE, 1957, p. 385-386).⁶

Atentamos a abordagem realizada dos jesuítas acerca dos/das indígenas, tratando-os como seres diabólicos, assim como ressalta em muitas cartas como pecadores, no qual estes presam por ter muitas mulheres, e por comer os contrários que no caso são os seus inimigos. Entretanto os jesuítas realizam amplas formas de catequizar para assim impor os sacramentos para os “brasis” de acordo com cartas enviadas ao rei de Portugal Dom João III no século XVI.

Fotograma 1 - Chegada das órfãs e os trabalhadores observando elas passarem.



Fonte: Filme “Desmundo” (FRESNOT, 2002).

⁶ Carta do Ir. Antônio Blázquez comissão do Pe. Manuel da Nóbrega (Baía) ao Pe. Inácio de Loyola (Roma), 10 de junho de 1557.

Após desembarcar, Maria (Debora Olivieri), responsável por zelar pela segurança das meninas, chama atenção de umas das jovens por expor seu rosto ao sol, enquanto esta observava a paisagem. Para representar o Brasil, com clima bem mais quente, fizeram as cenas em um sol bem forte.

Pontua-se que a representação das mulheres órfãs brancas, as tornam submissas às vontades do homem, no seu caso os seus maridos, conferindo a eles obediência. De acordo com a fala, por exemplo, de Dona Brites (Beatriz Segall), esposa do Governador da colônia:

Mas não se acanhe... Casar é leve! É viver segundo capricho dos homens: não fungar com força, que é desconfiança, não morder o beijo, que é raiva... E por fim: o último a deitar à noite, é o primeiro que morre! / Mas non deis rem... O casar é leve! É viver conforma o queirer dos homens: nam cheirar com muita força que faze desconfeança, ne morder o beijo que é rábia... E per a fim: quem de último deita é o que de primeiro vai a morrer! (Coleção Aplauso Brasil, 2006, p. 59)

Desta forma as jovens estavam, portanto, expostas a uma situação de opressão, teriam que obedecer aos seus maridos e servi-los. Isto deixava Oribela cada vez mais insegura com sua realidade, cada expressão dela trás um olhar triste, desesperada e aflita, assim como as outras órfãs por compreenderem que, por serem órfãs, seriam consideradas ainda menos diante do olhar masculino.

Fotograma 2 - Dona Brites e as órfãs



Fonte: Filme “Desmundo” (FRESNOT, 2002).

Fotograma 3 - Todos reunidos para definir os maridos para as órfãs



Fonte: Filme “Desmundo” (FRESNOT, 2002).

Nos fotogramas acima as jovens são intimidadas por dona Brites, que apalpa as meninas e depois designa junto com o governador as órfãs os seus respectivos noivos, as órfãs são chamadas uma por uma para conhecê-los. Oribela por sua vez observou o noivo a ser chamado por Dom Afonso de Aragão (Cacá Rosset), este, ao chegar perto da jovem, tenta colocar em seu cabelo um acessório. No entanto, ao encostar em Oribela, consegue aumentar ainda mais o repúdio da jovem, que lhe dá uma cusparada no rosto. Todos ficam assustados com a ousadia da moça. A expulsam da sala e Maria lhe dá umas palmatorias como sinal de castigo, no qual a jovem apenas conta a cada palmatoria, simbolizando neste momento a resistência com maior ênfase àquela atrocidade submetida, bem como pode ser interpretada tal atitude de Oribela como a de que autoflagelo, ou seja, acredita que merece o castigo, por não ter uma conduta respeitável.

Por conseguinte, todas aparecem já a caminho do casamento, no qual Oribela conhece outro noivo, este se chama Francisco de Albuquerque (Osmar Prado), homem com características fortes, como cita Gregio e Peregrini (2021 p. 10-11):

[Francisco] representa o legítimo homem colonial. Isto é, indivíduo extremamente machista e autoritário, detentor do poder e da razão. Embora também seja

marginalizado e dominado pela estrutura colonial, ele é superior a muitas outras categorias dentro desse sistema.

Francisco traz elementos da sua personalidade e atitudes que nos lembra um “bandeirante”, portanto de certa maneira também é dominado conforme citado acima. Conseqüentemente acontece o casamento e Oribela fica submissa a uma realidade perversa de opressão e de obediência. Para a primeira relação destes, Francisco improvisou uma cama com palhas e um lençol branco. Oribela sente aterrorizada por não querer entregar-se a um completo estranho.

Em vista disso, podemos então compreender a alternativa que a jovem recorre, rezando para Francisco não obrigar a ter relação com ele, pois não se conheciam bem, ou seja, ela suplica para não ser estuprada, pois quando uma mulher não quer ter relação com um homem e ele a força, isso é estupro. Depois de vê-la suplicar Francisco tentando aparentar ser um homem bom, aderiu ao que ela pediu de joelho.

Fotograma 4 - Oribela e Francisco no galpão



Fonte: Filme “Desmundo” (FRESNOT, 2002).

Acresce que para evidenciar a cada dia a vida de violência e submissão de Oribela e as demais jovens, esta é confinada a morar com um homem sem gostar dele, e servi-lo como esposa sendo este seu papel, bem como cuidar de casa. Entretanto, ela não sente-se a vontade naquela situação, almejava liberdade.

Vale ressaltar que os corpos das mulheres são representados no olhar totalmente masculino, no qual estas, são apenas para servi-lo, como mulheres devem entregar-se a eles e satisfazê-los, e além do corpo de Oribela e das outras órfãs, o corpo das mulheres indígenas também é exposto em algumas cenas do filme com ênfase nos seios das mais jovens, pois estas chamam atenção. Já a mulher negra não aparece nem em destaque, muito menos em plano de fundo no filme, porém notoriamente a mulher negra foi alvo de diversas formas de

violências a partir dos séculos seguintes XVII e XVIII MARQUESE (2006) período colonial brasileiro.⁷

Em subsequência vamos discorrer de forma sucinta outros eventos que nos auxiliaram na ilustração das diversas formas de controle da vida de Oribela, sendo que, os fatos serão narrados em sequencia, para melhor entendimento dos elementos do filme.

Posteriormente no filme, Francisco recebe em sua casa Ximeno (Caco Ciocler) um cristão-novo⁸, este também alvo de opressão, por não poder exercer sua religião, sendo vigiado pela igreja católica por meio dos jesuítas, Ximeno aparece com muitos objetos à venda e com jovens indígenas também à venda. Francisco chama Oribela e pede pra ela escolher um objeto, no entanto ela fica tensa e nervosa, acaba por pegar uma tesoura que estava perto da mão dele, e Francisco atenta-se a cada atitude se sua esposa. Quando Ximeno sai de sua casa, ele estupra Oribela. E ela sente-se ainda mais perplexa por tantas atrocidades e violências.

Ela sai ainda de madrugada pela floresta, para chegar onde está a embarcação, em uma tentativa de sair deste “novo mundo”. Ao avistar a nau ela se emociona, pois era seu objetivo sair daquela realidade cruel a qual estava vivenciando, ela amanhece dentro de um pequeno barco e é avistada por dois homens e estes a disputam entre si para possuí-la. Oribela fica totalmente aterrorizada com a situação que está sendo submetida, os homens tentam estupra-la.

⁷ Cabe ressaltar que no século XVI ainda não havia um fluxo intenso de escravizados para as terras coloniais portuguesas. O tráfico negreiro se tornou fortíssimo nos séculos seguintes, conforme MARQUESE (2006) “Entre 1701 e 1720, desembarcaram nos portos brasileiros cerca de 292 mil africanos escravizados, em sua maioria destinados às minas de ouro. Entre 1720 e 1741, novo aumento: 312,4 mil indivíduos. Nas duas décadas seguintes, o tráfico atingiu seu pico máximo: 354 mil africanos escravizados foram introduzidos na América portuguesa entre 1741 e 1760”. Pois os novos meios de exploração da terra exigiam a força de trabalho, e os donos do poder econômico não abdicavam de tais atrocidades. Vale lembrar ainda que o Brasil foi último país a abolir a escravidão (1888).

⁸ Os “cristãos-novos”, no caso do filme o (Ximeno), eram os recém convertidos do judaísmo, estes também eram observados pela igreja, portanto também sofriam certa opressão, no entanto a opressão é bem maior sobre as mulheres.

Fotograma 5 - Representações das mulheres indígenas



Fonte: Filme “Desmundo” (FRESNOT, 2002).

Fotograma 6 - Oribela emocionada ao ver a nau, e depois ela sendo disputada por dois homens.



Fonte: Filme “Desmundo” (FRESNOT, 2002).

Nestas imagens podemos observar o quanto o corpo feminino é violentando, é desrespeitado, e na colônia por ventura a situação era ainda mais desprezível. Pois o corpo das mulheres é apresentado a partir das indígenas e de Oribela, apenas como objeto sexual e reprodução, e o estupro também é algo que perpetuou por gerações e é algo infelizmente

muito naturalizado na sociedade. Cabe então salientar acerca da tentativa de silenciamento que os homens executam em Oribela, colocando areia na sua boca, como uma forma de calar sua voz, seu grito por socorro, algo que de certa maneira ainda representa a vida de muitas de nós na atualidade, pois ainda não somos ouvidas como deveríamos e a resposta para isso esta na presença feminina inferior na política do país, sendo que somos cerca 51% da população brasileira. Cabe ainda destacar que muitas mulheres morrem por ano no país. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021, p. 94) “em 2020 o país teve 3.913 homicídios de mulheres, dos quais 1.350 foram registrados como feminicídios, média de 34,5% do total de assassinatos”, e isto também é algo pouco relevante para muitas pessoas, infelizmente.

Em continuação ao filme, Francisco chega antes dos homens a abusarem sexualmente, ele mata todos e queima, representando sua superioridade, como “dono” de Oribela. Em seguida leva Oribela amarrada para a casa, e esta é acorrentada por dias, para aprender a obedecer seu marido, que a humilha para submetê-la a sua autoridade. A personagem tem várias feridas nos pés e é cuidada por uma indígena, esta utiliza de plantas medicinais para auxiliar na cicatrização dos ferimentos de Oribela.

Fotograma 7 - Oribela sendo levada amarrada e depois acorrentada em um quarto, aos cuidados de uma mulher indígena com medicamentos tradicionais. Depois pressionando um besouro.



Fonte: Filme “Desmundo” (FRESNOT, 2002).

Após passar por essas barbaridades, Oribela tenta agradar a Francisco se entregando para ele deixá-la sair. Ele, por sua vez, sede; porém ainda a submete a várias formas de

humilhação. Em determinando dia, ela senta em um local e segura com um graveto um besouro, esta cena traz grandes significações sobre a situação que se encontrava e o desejo de ser livre ser enorme. No entanto, é aprisionada por Francisco, não tendo como realizar suas vontades e seus ideais e a tão almejada liberdade. Pois, ao olhar para sua situação, compreende ter uma vida infeliz. Ela expõe em suas expressões a insatisfação com realidade a qual foi destinada. Oribela se vê no besouro. Em vista disso ela foge novamente, desta vez vestida de homem, recorrendo, então, a casa de Ximeno, este a princípio recusa, mas quando Francisco vem procurá-la ele a esconde.

Nas cenas finais do filme Oribela se entrega com prazer a Ximeno, e mesmo sabendo da situação a qual estava envolvido Ximeno tenta ajudá-la a sair da colônia. Todavia no dia da fuga, Francisco acompanha ambos na Praia e os dois ficam cara a cara, cada um com sua arma, e acontece um disparo. A cena é interrompida pela escuridão.

Fotograma 8 - Oribela e Ximeno em fuga, Francisco e Ximeno em fogo cruzado

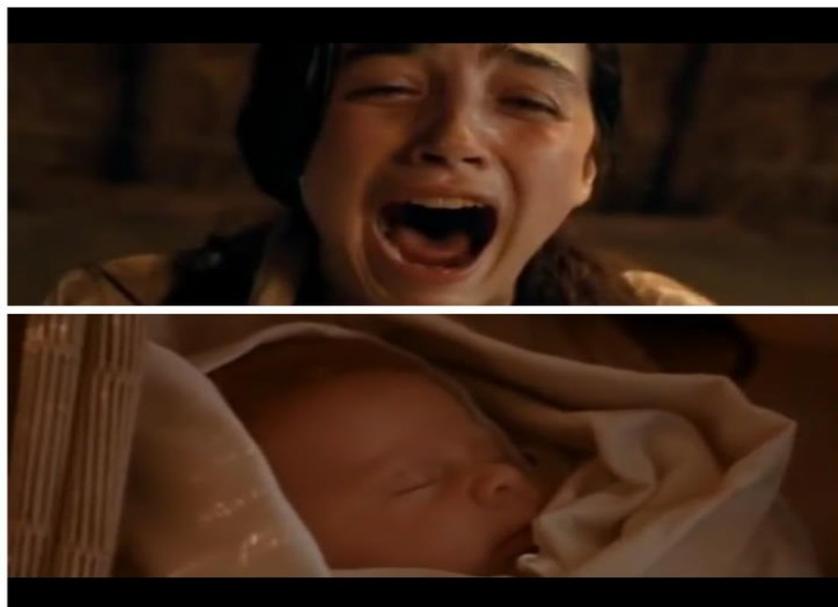


Fonte: Filme “Desmundo” (FRESNOT, 2002).

A retomada da encenação ocorre a partir de um grito de Oribela que dá à luz a um bebê com cabelos claros, isto deixa em questão: “Quem seria o pai da criança?”. A narrativa cinematográfica utiliza do recurso chamado de “plot point” ponto de virada de acordo com o escritor HERMES LEAL (2020) que “são as cenas de grande acentuação dramática, usadas para promover uma reviravolta na história, um incidente, ou evento que interrompe a continuidade da história e não da narrativa”, no caso do filme Desmundo deixam a tela preta,

trazendo o clímax para cena, diante do suspense na expectativa de quem morreu no tiro. Oribela está acompanhada de Ximeno ou Francisco? Estará em liberdade ou em opressão? Quem a está acompanhando no parto? O espectador fica na expectativa da personagem conquistar sua almejada liberdade, no entanto a história narrada não tem um compromisso de promover um final feliz, mas tratar de uma realidade cruel. E então Francisco à chama para partirem, e esta é levada com a criança em uma rede por dois indígenas. Oribela acaricia seu bebê e o filme encerra.

Fotograma 9: Oribela em trabalho de parto



Fonte: Filme “Desmundo” (FRESNOT, 2002).

O encerramento do filme reflete sobre a função da mulher, e que a partir do momento que Oribela tem um filho, deve abrir mão de tudo o que antes era sua prioridade, pra dedicar-se ao filho, sendo que a responsabilidade é de ambos e a criação e educação deste cabe aos dois. Podemos então concluir que a ficção trás a risca elementos que influenciaram no entendimento sobre aquele período, no entanto cabe ressaltar que é uma representação de uma realidade e isto pode ter acontecido de maneira mais atroz ou por vezes não. E com base nas cartas notamos a inferiorização das mulheres, pois quase não vi falar de nós nas cartas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho empenhou-se em apresentar a partir das representações das mulheres no filme “Desmundo”, o papel das mulheres baseado na realidade de Oribela, personagem principal do filme. Esta vivencia várias formas de violência, e mesmo com tantas repressões e humilhações ela almejava como muita intensidade a sua liberdade, que se dava na busca dos seus sonhos, no domínio do seu corpo, na vontade de ser ouvida e de ser protagonista da sua própria história, pois o seu papel era estipulado pela Igreja e pelo homem a qual se tornou esposa.

Compete ainda, frisar sobre a importância da Arte para refletir sobre o que a história silencia, e que pouco vimos nas escolas. Afinal por qual razão não há protagonismo feminino nas fontes do século XVI? O que de fato era considerado digno de registro? Porque não há menções de resistências das meninas órfãs? E porque isso não aparece nas fontes históricas primárias? Evidentemente, podemos constatar que o patriarcado contribuiu para essas tentativas de desvalorização das mulheres e de silenciamento.

O objetivo geral do trabalho propôs uma análise acerca do papel das mulheres no Brasil colônia e, para tanto, abordamos o filme e as representações ali presentes. Assim, observamos os detalhes como o corpo feminino, no qual sempre foi abordado como “objeto/coisa” e isto propicia uma visão inferior e de submissão ao homem. Quanto as permanências na atualidade, obtemos resultados como, por exemplo, o número de violências contra as mulheres no Brasil. Dessa forma, evidencia que apesar da luta ser constante, conseguimos alguns dos objetivos, como direito ao voto, à educação, ao trabalho; porém, ainda há muito a ser conquistado como direito a igualdade salarial, representatividade política e uma vida livre da violência de gênero.

Em síntese este trabalho, proporcionou uma visão acerca da realidade das mulheres no período supracitado, a partir do olhar feminino, no qual podemos observar que foram atozes, no qual as mulheres sofreram várias formas de barbáries, e que mesmo o filme não abordando com exatidão o corpo das mulheres indígenas e das mulheres escravizadas advindas da África, sabemos que também foram cruéis e que, por ventura, ainda há muitos resquícios na atualidade. No que diz respeito a abordagem de filmes na Educação Básica, vale ressaltar que, é fundamental a abertura da escola e do professor/a, tornando todo o processo de formação em um ambiente de ampliação de conhecimento acerca das temáticas do contexto, propiciando maior formação pessoal e humana acerca dos direitos e da necessidade de se construir uma sociedade cada vez mais justa, com respeito às diferenças.

Assim sendo, é fundamental ampliar os debates, trabalhos e escritos sobre as mulheres, sobre suas vidas, suas experiências e suas vivências contadas a partir do seu olhar. E como intervenção é importante a aplicação de políticas educativas em escolas a respeito da identidade, das diferenças, das violências e das oportunidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA/ CONGRESSO NACIONAL. Lei 13.006, de 26 de junho de 2014. A. publicado no DOU de 27.6.2014. Brasília: Congresso Nacional, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm>. Acesso em: 13 de ago. 2021.

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio de. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. ISSN 1983-7364, ano 15, 2021.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados. São Paulo, v.5, n.11, abril 1991.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico], tradução Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo : boitempo, 2016

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1998.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Título original: Caliban and the Witch: womem, the body and Primitive Accumulation. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, p. 464, 2017

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa** / tradução Roberto Cataldo Costa. Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da silva. Porto Alegre. Artmed, 2009.

FRESNOT, Alain. **Filme “Desmundo”**. Columbia Pictures. 2002.

FRESNOT, Alain. **Desmundo** / Alain Fresnot, Helder Ferreira e Sabina Anzuategui. Coleção Aplauso Cinema Brasil. São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo. Claridade, 2015. 120p. Disponível em >
https://www.google.com.br/books/edition/Breve_Hist%C3%B3ria_do_feminismo/U3laDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1< acesso em 21 de maio de 2022.

GREGIO, Gustavo Batista. PELEGRINI, Sandra de Cassia Araújo. A construção Histórica do Gênero Feminino na Narrativa Fílmica de “Desmundo”. **Histórias Debates e Tendências**. Passo Fundo, V.21, N.2, p.67-86. 2021.

HAESBAERT, Roberto. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Associação Brasileira de Geógrafos**, Porto Alegre, RS. 2003. Disponível em ><https://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38739/26249>< acesso em 22 de maio de 2022.

JÚNIOR, Simião Mendes. A voz feminina no romance histórico *Desmundo*, de Ana Miranda. **Revista Estudos em Letras**. V. 2, N. 1, 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011. P.320.

LEAL, Hermes. Nova Teoria explica os pontos de virada. *Revista de Cinema*. 15 de fevereiro de 2020. ><http://revistadecinema.com.br/2020/02/nova-teoria-explica-os-pontos-de-virada/>< acesso em 22 de maio de 2022

LEITE, Serafim (org.). **MONUMENTA BRASILIAE v. I (1538-1553)**. In: MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU volumen. 79. Monumenta Missionum Societatis Iesu vol. X, Missiones Occidentales. Org.: Serafim Leite. Romae: Via dei Penitenzieri, 20: 1956.

_____. **MONUMENTA BRASILIAE v. II (1553-1558)**. In: MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU volumen. 80. Monumenta Missionum Societatis Iesu vol. XI, Missiones Occidentales. Org.: Serafim Leite. Romae: Via dei Penitenzieri, 20: 1957.

MARQUESE, Rafael de Bivar . A Dinâmica da escravidão no Brasil, resistência, tráfico negreiro e alforrias, século XVII a XIX. Disponível em > <https://doi.org/10.1590/S0101-33002006000100007> < Acesso em 22 de maio de 2022

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo. Contexto, 2003.

NEVES, Fátima Maria. O filme “Desmundo”, a História e a Educação. In: **XXIV Simpósio Nacional de História**. Associação Nacional de História. São Leopoldo. 2007. P.1-9.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s).In:VI Congresso SOPCOM, 2009. **Bocc.ubi**. 2009. P. 1-10. ><http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>- acesso em 26 de julho de 2021 às 17 horas e 15 minutos.

FOLTER, Regiane. O que é patriarcado? **Politize**. Florianópolis/SC, 29 de junho de 2021. Disponível em <https://www.politize.com.br/patriarcado> acesso em 20 de maio de 2022.

ZORZO, Solange Salete Tacolini. **Desmundo: Retratos e Fotogramas metaficcionais: as relações dialógicas entre o romance de Ana Miranda e o filme de Alain Fresnot**. Dissertação (mestrado)- Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais. 2014